TEATRO NACIONAL D. MARIA II

D.M II

PARAÍSO

A DIVINA COMÉDIA

Paraíso — A Divina Comédia

10 - 20 fev 2022
qua - sex, 21h
sáb, 19h
dom, 16h

Sala Garrett

duração
1h40
M/6

criação
Teatro O Bando
texto
Miguel Jesus
a partir de
Dante Alighieri
dramaturgia e encenação
João Brites
com
Pedro Gil e Sara Belo
músicos
Ana Raquel, João Ferreira, João Gomes, João Pedro Silva ou Vasco Avença, Maria Felicidade, Mário Cabica, Miguel Oliveira, Patrícia Silva e Rodrigo Cardoso
participação criativa dos atores
Fabian Bravo, Maria Taborda, Nisa Eliziário, Rita Brito, Suzana Branco
música e direção musical
Jorge Salgueiro
cenografia
Rui Francisco
figurinos e adereços
Clara Bento
assistência de encenação
João Neca
investigação histórica e apoio à teatralidade
Susana Mateus
assistência de figurinos e adereços
Catarina Fernandes
execução de figurinos
Mestra Teresa Louro
desenho de som
Miguel Lima
desenho de luz
Sérgio Moreira
desenho gráfico
Maria Taborda
produção executiva
Inês Gregório
assistência de produção
Nisa Eliziário
montagem
Fátima Santos e Vítor Santos
apoio à montagem
Dora Sales, Fabian Bravo, Rita Brito, Nisa Eliziário e Puspa Khanal
assessoria técnica e de segurança
Lima Ramos
execução cenográfica
JSVC Decor
apoio à iluminação
Rita Louzeiro, António Graça e Fernando Camolas
apoio aos figurinos e aos adereços
Amália Marrafa, Joana Martins, Maria Dinis, Maria Taborda, Nisa Eliziário, Paula Flamino e Sara Batista
apoio à execução videográfica
Pedro Ribeiro
apoio à alimentação
Lucia Rus, Inês Gregório, Nisa Eliziário e Paula Flamino
fotografia de cena e cartaz
Rita Santana e Miguel Mares
transporte de cenário
Nuno Filipe Lagos Pacheco
produção
Teatro O Bando
coprodução
Teatro Nacional D. Maria II
apoio
Câmara Municipal de Lisboa

O Teatro O Bando é uma estrutura financiada pela República Portuguesa — Cultura / DGArtes, apoiada pela Câmara Municipal de Palmela e parceira dos projetos europeus Play On e Connect Up

agradecimentos à Câmara Municipal de Palmela pelo acolhimento no Cine-Teatro São João em especial à Susana Gonçalves, Jorge Patrício, António Graça, Fernando Camolas, Isabel Baptista, Carlos Ribeiro, Graça Martins, Bárbara Sebastião, Paula Jesus e Floriano Félix; ao Teatro do Zero e à Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro pela disponibilização do espaço para alimentação da equipa; à equipa da Biblioteca Municipal de Palmela, e à Vanessa Coelho pelo apoio à testagem da equipa antes de entrar no Paraíso

Teatro O Bando
direção da cooperativa
João Brites, João Neca e Suzana Branco
cooperantes
Antónia Terrinha, Bibi Gomes, Clara Bento, Fátima Santos, Guilherme Noronha, Isabel Atalaia, João Brites, João Neca, Jorge Salgueiro, Juliana Pinho, Lima Ramos, Nicolas Brites, Paula Só, Raquel Belchior, Raul Atalaia, Rita Brito, Rosa Brites, Rui Francisco e Suzana Branco
direção artística
João Brites, Rui Francisco, Jorge Salgueiro e Clara Bento
equipa João Brites, Raul Atalaia, Fátima Santos, Suzana Branco, João Neca, Juliana Pinho, Rita Brito, Lucia Rus, Paula Flamino, Inês Gregório, Raquel Belchior, Vitor Santos, Maria Taborda, Fabian Bravo e Amália Marrafa e a estagiária Sara Batista
colaboradores
Isabel Atalaia, Lima Ramos, Catarina Fernandes, Nicolas Brites, Nisa Eliziário, Miguel Lima, Miguel Mares, Rita Santana, Rita Louzeiro, Filipe Esteves e Setulgeste

equipa TNDM II
direção de cena
Carlos Freitas, Pedro Leite
operação de luz
Gonçalo Morais
assistência à operação de som
João Neves, João Pratas, Margarida Pinto
assistência à operação de vídeo
André Carrilho
maquinaria
Marco Ribeiro
auxiliar de camarim
Carla Torres
produção executiva
Rita Forjaz

Próximas apresentações
5 MAR, Convento S. Francisco, Coimbra
10 a 13 MAR | Cine-Teatro São João, Palmela

Conversa com artistas após o espetáculo
13 fev

Sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa
13 fev

Sessão com Audiodescrição
20 fev

Não tenho medo da morte mas sim medo de morrer.

Gilberto Gil

Lançamento do livro — Paraíso
11 fev
sex, 17h
Átrio — Entrada Livre

de
Miguel Jesus
a partir de
Dante Alighieri
edição
TNDM II / BdM (coleção
Textos de Teatro)

©Rita Santana e Miguel Mares

©Rita Santana e Miguel Mares

DANTE ESTÁ SEMPRE EM DIÁLOGO
CONVERSA COM JOÃO BRITES

Regularmente, de dois em dois anos, O Bando tem atravessado Dante e sido atravessado por ele, para usar uma expressão que vos é cara. A Divina Comédia *tornou-se espetáculo e aqui, no D. Maria II, estrearam* Inferno *[2017] e* Purgatório *[2019]. Agora chegámos ao* Paraíso. *Quais são as constantes e quais são as variáveis nesta travessia?*

João Brites [JB]: O que nós fazemos é sempre fruto das equipas que se constituem, das equipas internas que estão visíveis no espetáculo e também das equipas e das pessoas que não estão lá mas que contribuíram de uma forma definitiva para que aquilo pudesse acontecer. Foi possível teatralizar as duas primeiras partes da trilogia de A Divina Comédia porque Tiago Rodrigues as soube inscrever criativamente no seu programa e porque Pedro Penim aceitou o desafio de lhe dar continuidade. Criar é sempre uma aventura que nos confronta com diversas possibilidades. Estar no Teatro Nacional D. Maria II é estar entre equipas e pessoas concretas que contribuem para materializar a imaterialidade das ideias, sabendo que para isso é indispensável profissionalismo e afeto solidário. Mas o resultado final também é fruto dos territórios onde crescemos e foi por isso que nos fixámos em Vale de Barris. Agora aqui, num teatro dito à italiana, continuamos a tentar manter a fragilidade de fatores aleatórios que o espaço paisagístico natural onde nós estamos inseridos suscita. Porque o Teatro só acontece no presente. Os atores, os músicos e os técnicos procuram uma interdependência que tem de ser sempre reajustada com a maneira como se diz naquele dia, aquela frase, como interage aquele instrumento musical, com ruídos inesperados, vozes e silêncios que nunca são silêncios. Portanto, neste *Paraíso*, há uma espécie de construção formal que está sempre sujeita a imponderabilidades, sujeita a fatores aleatórios, dependente da relação com pessoas que se comprometem a popularizar palavras que foram escritas há setecentos anos e que mantêm em aberto sentidos encobertos. Porque fazemos Teatro e não uma dissertação poética, escolhemos sempre um ponto de vista. A dramaturgia desta viagem ficcional teria de desenhar um trajeto e, para isso, surgiu a ideia de construir uma centena de módulos de gradis quadrangulares com um metro de largura, assentes numa floresta de tubos com três metros de altura. Foi esta conceção modular que permitiu, no *Inferno*, a construção de um poço que era uma espécie de espiral invertida onde as pessoas se fartavam de andar mas nunca saíam do mesmo sítio. A oscilação era propositada e um certo chiar dos ferros em atrito acentuava a vulnerabilidade e o medo de Dante prosseguir a viagem. Foi esta habilidade que permitiu a execução do que já tínhamos em mente para o *Purgatório*. Colocámos esses mesmos gradis quadrados em forma de passadeiras suspensas, uma espécie de pontes rolantes como as que existem nos aeroportos. Todo o elenco andava constantemente de um lado para o outro mas havia um personagem que não avançava. Dante, perturbado com tanto movimento, permanecia sentado, quase sempre parado enquanto todos os outros passavam por ele. Parecia um indigente transtornado que Virgílio tentava convencer a andar como os outros e que, Beatriz, chamava, lá de longe. Em 2015, no início das discussões conceptuais, já prevíamos que a solução de *Paraíso* seria uma plataforma suspensa, uma espécie de plano imobilizado num lugar intemporal, mas não sabíamos como é que a equipa de cenografia, liderada por Rui Francisco, a iria resolver. Neste caso, os tubos estão suspensos para representarem a imobilidade. Queremos representar o silêncio e a imobilidade de uma imperceptível ondulação cósmica porque a vida é transição, é movimento, mesmo que quase imperceptível e coincide com o movimento real ou com a possibilidade iminente de mudança. Estamos a trabalhar numa espécie de crepúsculo suspenso que acolhe o caminhante no fim da sua viagem. Este Dante tinha de ser representado por Pedro Gil e Beatriz por Sara Belo. Se isso não tivesse sido possível nunca teríamos resolutamente optado por uma dramaturgia que assume o espetáculo como um monólogo ainda que, em cena, estejam dezasseis pessoas. Gostamos de artistas que têm a generosidade e a curiosidade de pisarem terrenos menos reconhecíveis. A fantasia e a ilusão fazem parte do Teatro que imaginamos e, porque no quotidiano isso não é possível, desejamos alimentar artisticamente a subjetividade e o imaginário de cada espectador. Entre nós falamos muito de uma criação coletiva que, no início do processo, é muito aberta às sugestões mais imprevisíveis e depois, progressivamente, se torna mais restritiva. É a primeira vez que os músicos são tão criativamente participativos. Foram as suas improvisações em ensaios onde ainda não existiam partituras que inspiraram a música que Jorge Salgueiro viria a compôr. Para acontecer Teatro é preciso que se perspetive mudança. Uma mudança que resulta de tensões e de conflitos e é por isso que, para nós, um monólogo é sempre um diálogo — diálogo com o desconhecido, consigo próprio, com aquilo que pisa, com o que está para além do que está à vista — e, portanto, Dante está sempre em conversa, está sempre em diálogo. E a construção desse diálogo com a música obrigava a que os músicos tivessem uma participação mais ativa na interdependência com os atores, de maneira a reforçar ora aquilo que está à vista, ora aquilo que se ouve e que está dito ou o que não se ouve e apenas se perceciona.

Outra das âncoras do projeto parece-me ser a dramaturgia do som. Sabiam desde o início que Paraíso *seria composto com instrumentos de sopro, como antes o* Purgatório *com vozes e o* Inferno *com instrumentos de corda.*

JB: Sim, a dramatofonia é um dos pretextos aglutinadores que está na génese do processo. Tudo depende dos conceitos primordiais e do processo de construção que, neste caso, começou muito antes mas intensamente com reuniões esporádicas onde engendrávamos os pressupostos dramatúrgicos. Há vários meses estivemos sentados em roda com toda a equipa - a direção artística, a direção da cooperativa, os técnicos, os estagiários, as pessoas dos serviços administrativos e da produção - para falar sobre as questões que iriam influenciar a concretização do espetáculo. No princípio estou muito aberto e tento absorver como um mata-borrão uma série de hipóteses que não colocaria se não estivesse em grupo. A primeira pergunta que fiz foi: o que é o paraíso? E cada um respondeu à sua maneira. Eu fiquei um bocadinho desconcertado porque as pessoas falaram mais da momentânea felicidade do que do paraíso. O que ainda não sabia, mas que já intuía, era que não era o tema que eu procurava. Por isso, deixei aquela conversa a amadurecer e, passado mais ou menos um mês, fiz uma segunda pergunta, mais provocadora: o que é, para cada um de nós, um ideal? Claro que estava a pensar em Dante que, como tinha sublinhado Susana Mateus ao falar sobre a obra *Vita Nuova* (obra do mesmo autor), se teria cruzado com Beatriz quando tinha 8 ou 9 anos e tinha ficado obcecado, quase traumatizado, ele escreve que chorava, que acordava alagado em suor. E o que tinha realmente acontecido entre os dois? Eles apenas teriam cruzado o olhar e Beatriz terá apenas feito um discreto gesto de adeus, ao longe. É o fortuito encontro com aquela figura que passa a ser o pretexto ideal para escrever *A Divina Comédia*. O que terá motivado Dante a perseguir e a querer partilhar com os leitores o sorriso imaterial de uma sabedoria que parecia compensar a humanidade de todas as maldades? Procurava o reencontro com a justiça de um estado em permanente pacificação? A materialidade desse fugaz encontro tinha-se transformado na imaterialidade de um ideal que compulsivamente o fazia agir? Mas voltando à reunião de que falava e à questão sobre o que era o ideal para cada um de nós: fiquei, mais uma vez, desconcertado com a maioria das respostas. No meu tempo as respostas teriam sido muito mais políticas e ideológicas. Queríamos construir uma sociedade nova e acreditávamos que era possível mudar o mundo, que o mundo podia ser mais equitativo e mais justo! Uma sociedade em que o individual se diluísse no coletivo sem que cada um de nós deixasse de ter a sua liberdade individual. Não fomos bem-sucedidos. As experiências feitas nesse sentido foram tão trágicas que eu compreendo que hoje se tenda a afastar a questão política, ainda que para mim, continue a ser uma questão primordial. Curiosamente, nas respostas relacionadas com ideais de natureza mais individual, já apareceu a palavra amor. Passadas umas semanas fiz a terceira e última pergunta: como é que cada um gostaria de morrer? Juliana Pinho lembrou-se da canção de Gilberto Gil que diz "Eu não tenho medo da morte, tenho é medo de morrer". Ia ao encontro daquilo que estávamos à procura, a desmedida solidão que cada um deve sentir naquele momento incontornável. As respostas dadas foram diversas e perturbadoras e contribuiram para a organização da narrativa. É este material que vai surgindo nos ensaios, aliado às improvisações com os músicos e às conversas com os atores que levou a que o espetáculo obtivesse este resultado. Agora, nesta fase final do processo de construção delimitaram-se as opções, o funil apertou, há soluções que se tornaram inquestionáveis para que o espetáculo tenha coesão, para que tenha um sentido aglutinador que seja partilhável pelo público. É para o público que estamos a trabalhar e estamos a fazer um esforço para popularizar a obra de Dante.

Em que sentido?

JB: Os espetáculos d'O Bando têm sempre muitas camadas de leitura. Nada está definitivamente esclarecido. Quem lê melhor as imagens e as situações visuais lê menos bem as palavras que estão ser ditas. Ninguém segue a narrativa cénica da mesma maneira por mais que nos esforcemos em ser literais e simplistas. Cada pessoa, felizmente, perceciona a nossa escrita cénica com uma determinada e interdependente pontuação. Ao contrário do *Inferno*, aqui nós queríamos um espetáculo mais concentrado no tempo que permitisse, paradoxalmente, uma maior extensão dos silêncios. A primeira versão escrita por Miguel Jesus foi decisiva e contundente. Respeitou a configuração em nove cenas como tínhamos combinado e conseguiu sintetizar o que queríamos dizer em apenas doze páginas. Mas o Teatro não é uma ilustração de temas e frases. O Teatro, quando realmente acontece e não é uma receita que se quer repetir, desvenda sentidos que modificam a perceção dos assuntos, das imagens e das palavras. O Teatro pode modificar quem o pratica e pode modificar quem a ele assiste. Foi desta maneira que nos fomos confrontando com a questão de como é que se representa aquilo que queremos dizer com o paraíso. Na pintura, o inferno é muito representado, o purgatório bem menos e do paraíso quase todos os artistas querem fugir.

Uma dificuldade acrescida a um texto de um poeta.

JB: Ao procurar ter informações sobre espetáculos de Teatro feitos a propósito de Dante não consegui encontrar soluções cénicas que recorressem sobretudo às frases que o poeta escreveu, como nós temos vindo a fazer. Partindo da tradução de Armindo Rodrigues consultámos várias traduções e recorremos também ao texto original. Quisemos captar o dito e o não dito que se esconde por trás do que ficou escrito. Assumimos que esta, como todas as outras criações que se serviram de textos não teatrais, é apenas uma versão das muitas que poderiam ser feitas. Gostamos de pensar que, se Dante pudesse assistir a esta representação, ficaria a ver e não sairia da sala como qualquer espectador tem o direito de fazer. Houve aqui uma grande limpeza de tudo a que poderíamos chamar de beatificação ou de datação de episódios históricos e, ao fazermos isso, descobrimos claramente que Dante ainda é mais do nosso tempo do que poderíamos pensar. As questões de fundo continuam a ser as que atravessam todas as épocas mas, como não queremos pôr em cena uma espécie de poema representado, torna-se um desafio muito difícil. É quase como representar o irrepresentável. Neste texto parece não existir tensão. Não existe mutação, quase não existem episódios. Não existe uma relação evidente com outros, a não ser com Beatriz. O texto está baseado na relação que Dante tem à procura de Beatriz e quando finalmente encontra a sua amada, confunde-se com ela como se se encontrasse a si próprio.

Confunde-se o amador com a coisa amada.

JB: Isso mesmo, quem idealiza confunde-se com o que idealiza. Daí esta questão dos gémeos, dos pares, da complementaridade, de um também ser um outro, de um gostar de ser outro. Claro que Dante está num território mais terreno, mas optámos por não trabalhar sobre o que está lá em cima e o que está aqui em baixo. Para nós, o Paraíso não está em cima e a terra em baixo; para nós o Paraíso está no palco enquanto ficção, e a terra está na plateia, enquanto pessoas concretas estão a assistir a uma coisa ficcional. Transformámos a verticalidade em horizontalidade acentuando a relação entre aquele que vê e o que sabe que está a ser visto. Em cena, qualquer um é sempre mais do que na vida quotidiana. A personagem representada analisa, sintetiza, representa um novo conhecimento racional e sensorial. As múltiplas e ancestrais interpretações e representações da vida depois da morte constituiram-se enquanto fundamentais obras de ficção que apaziguam o medo da morte. Porquê? Porque é uma narrativa, uma metáfora que consegue amenizar a tensão que nós todos temos perante essa derradeira encruzilhada. Portanto este último espetáculo da trilogia é também uma espécie de despedida de Dante.

E todo o espetáculo parece caminhar em direção ao essencial, já não existem as 40 vozes-corpo de Purgatório*, a estrutura já não é a torre do* Inferno*, os músicos quase não se ouvem e pouco se mexem, Dante vai perdendo as palavras.*

JB: Acho que é muito saborosa a parte final, quando outras vozes nomeiam os deuses, quebram tabus, enaltecem a humanidade que se dispersa e se condensa em cada um de nós com a solenidade que lhe é devida. Finda o anátema que interditava o prazer de mexer o corpo, de utilizar o verbo para se fazer compreender, de tocar música para completar o que as palavras não explicam. De repente ouvimos os raciocínios de Dante tão esclarecidamente que parece que também nós podemos fazer essa viagem crepuscular e minimalista usando tão poucas palavras. Quando penso no *Purgatório*, deparo-me com aquele coro, com aquelas passagens brutais de um lado para o outro num registo mais expressionista em contraponto com um certo realismo fantástico que caracterizava o *Inferno*. Agora arriscamos o desenvolvimento da ação que se prolonga e faz lembrar alguns filmes nórdicos em que há uma latente intemporalidade espacial onde as coisas estão a mudar e nós só nos apercebemos quando elas já mudaram. A liquefação das atmosferas conduz-nos à fantasia tipificadora dos sonhos, numa clara aproximação ao registo dos artistas surrealistas. Será que a procura deste minimalismo essencial no encontro com Dante não nos empurra para uma certa monotonia? Só o público poderá dizer.

Mas a exuberância continua lá.

JB: As nossas criações têm todas uma espécie de estilo aglutinador e apesar da sua eventual extravagância, maior aqui ou ali, elas inscrevem-se em registos estilísticos diferentes. Dizemos que o *Paraíso* se inscreve num determinado surrealismo. Por causa da representação da suspensão, por causa do pesadelo que faz com que o palco esteja dentro da cabeça de Dante, acabámos por construir uma estrutura onírica em que quase não percebemos onde estão os atores. Quando o cenário é montado, pela primeira vez reparamos que estamos a prestar homenagem a Escher* e àquelas escadarias que não vão dar a lado nenhum, a lugares que não sabemos como se lá chega. Na dramaturgia também é um pouco assim, começamos aqui para chegar ali e nem sempre detectamos os degraus que nos levam àquele patamar final.

E depois há aquelas cápsulas misteriosas que umas vezes são frascos, outras túmulos, rígidas mas ao mesmo tempo elásticas no seu significado, onde estão as criaturas musicais.

JB: Uma espectadora que regularmente nos acompanha e assistiu a um ensaio aberto denominou aquilo a que chamávamos frascos, cápsulas do tempo. Nós gostámos e apropriámo-nos dessa designação. Todas as criaturas são duplas. Há os gémeos Dante-Beatriz e também há um desdobramento dessas figuras que estão dentro das cápsulas e que, numa inesperada metamorfose, deixam uma pele mumificada que Clara Bento concebeu inspirando-se na vida subaquática. Quem se liberta dessa pele, como as cobras, sai do lado de lá para perdurar do lado de cá. Todos se confrontam com esse desdobramento, como qualquer coisa que tem de ficar para trás para poderem seguir em frente. Há uma duplicação entre estas carapaças que ficam no palco e aqueles que as animam e cuidam delas e, das quais, mais tarde se libertam para poderem continuar a vida do lado de cá, enquanto a tiverem.

Há sempre um lado de cá e um de lá, desde o primeiro momento em que estamos a bater à porta do paraíso, como na canção.

JB: Estamos sempre a fechar e a abrir portas. E é bom saber a quem é que se abrem ou fecham portas todos os dias. Neste contexto, a nossa porta é para o sonho de Dante, para aquele pesadelo que o persegue e do qual tem tanto medo. Qualquer um tem medo de uma viagem que não controla. Há quem diga que, nesse caso, é preciso ter fé e acreditar. Acabou por ser inevitável abordarmos neste espetáculo a problemática das religiões, particularmente das religiões monoteístas que preconizam a eternidade. Fazemo-lo de uma forma muito indireta mas não nos esquivamos a associar a eternidade à imobilidade. Dante fala dos múltiplos círculos e da luz que cega. Quase pensamos que ele é um poeta percursor da física quântica. Chega a mencionar a existência de buracos negros e de uma luz nuclear muito intensa. Depreendemos que ele considera a possibilidade de imaginar o cosmos como o resultado de um estrondoso orgasmo que, num incomensurável ato de amor, produziu o *Big Bang*. E nós o que somos? Minúsculos complexos sistemas celulares parecidos com as complexas constelações num cosmos em expansão. Sei que tudo está em movimento, mas quando penso na invenção do paraíso não posso deixar de pensar na imobilidade. Ali estão todos bem, não têm dor, não se preocupam com a sorte dos mais desprotegidos, repousam numa paz eterna. Está tudo bem, mas se não há movimento, se não há transição, então não há qualquer expectativa de mudança, não é? Então, parece que não é uma coisa assim tão simpática. Se me dessem a escolher entre viver nesta insatisfação constante, com dores, com raivas, com injustiças que não são reparadas, com corrupção de gente que desreguladamente usa a retórica e a mentira, o que é que eu escolheria? Estar no paraíso sossegadinho, refastelado, com uma luz amena, sem dor, sem fome? Eu – talvez como toda a gente - prefiro ficar aqui mais um bocadinho. Será que, à nossa dimensão, no micro e no macro,

podemos transformar alguma coisa especialmente com quem está mais próximo? Por curiosidade fui contar quantas vezes Dante tinha escrito a palavra amor na terceira parte do seu livro. Com satisfação descobri que triplicava o número de vezes que citava a palavra Deus ou deuses.

"Com amor, a morte é digna de juntar-se à nossa festa", acaba por dizer Dante. Só o amor permite enfrentar a morte.

JB: Tentámos abordar a problemática do amor nas suas várias vertentes de uma forma muito subtil. O amor, enquanto algo de incompreensível e incondicional que ultrapassa tudo o que é o raciocínio, um sentimento que não se consegue reduzir a algo de explicável. Ainda que existam vários tipos de amor e formas de amar, essas diversas formas de amar estão associadas ao prazer. Se não estamos meramente numa posição altruísta é porque temos prazer em observar as coisas, em estar com o outro, em dar, em dormir numa matéria fofa, em amar a natureza, amar a sabedoria e o conhecimento, amar a curiosidade... Lá está, voltamos à mesma questão: como é que os espetáculos que fazemos podem contribuir para que se potencie a capacidade subjetiva que cada um tem de sentir e compreender as coisas? Se observarmos os comportamentos dos fundamentalistas religiosos, a ideia de culpa e de pecado parece levar as pessoas a acreditar em qualquer coisa de incontestável contra a qual não se pode lutar. Por isso têm de ceder, de se submeter, de não reagir, de não lutar contra o que lhes parece ser obra do destino. Para os mais fundamentalistas, a mulher tem de estar tapada e às vezes espreitar apenas por um dos olhos, não pode fazer ginástica, não pode ouvir música, não pode partilhar os mesmos lugares de convívio ou de culto. É revoltante a aceitação destas restrições, sobretudo por parte de homens e mulheres que as impoem e perpetuam. As castas que acreditam na reincarnação prometida, acatam o que lhes parece estar predestinado. A imobilidade deste *Paraíso* também tem a ver com tudo isto. O que ao princípio nos parecia uma mania irracional de uns tresloucados, vendo melhor, é uma estratégia de poder que não é episódica e que se prepara para fazer parte de pressupostos civilizacionais. De uma ou de outra maneira todas as sociedades atravessaram períodos obscurantistas e persecutórios. Porque é que isto ainda acontece e se prepara para, mais ou menos camufladamente, se manter? É tudo uma questão de poder que, como qualquer poder absoluto, não aceita a subjetividade. E porque se trata do medo da subjetividade, eu acho que esse é mesmo o preferencial campo de batalha onde a atividade artística tem de atuar. A questão é: como é que nós conseguimos ter valores que nos norteiem, como é que conseguimos, com esses valores, construir uma sociedade mais justa que dignifica e não abdica de um comportamento ético, filosófico, estético, político mas, ao mesmo tempo, aceita e até promove a percepção subjetiva de cada um. Porque é esta, e apenas esta, o maior garante da convivência entre liberdade coletiva e liberdade individual.

Voltamos sempre à questão do livre arbítrio.

JB: Eu sou incapaz de lutar por uma liberdade a pensar só em mim, acho eu. Ou pelo menos não o desejo. Desejo uma liberdade em que cada um se possa exprimir, desejo confrontar-me com a sensibilidade e o pensamento de uma pessoa diferente. Então, os espetáculos também são uma exposição de materiais e de ferramentas que permitem construir modos de intervenção social apoiados em modos de pensamento que ampliem as capacidades de imaginar. O nosso *Paraíso* é a invenção de uma história tridimensional que permita a cada um construir a sua viagem autobiográfica. Não temos nenhuma pretensão de dizer que toda a gente tem de perceber tudo! Aliás, tivemos uma grande vitória: pela primeira vez conseguimos a classificação de um espetáculo de *A Divina Comédia* para maiores de 6 anos! Até agora, o argumento da Comissão de Classificação Etária era, não que os espetáculos tivessem conteúdos que prejudicavam as crianças, mas sim que não valia a pena, que elas não conseguiam compreender.

E com que argumentos contrariaram essa tese?

JB: Vou citar um pedaço do texto que João Neca escreveu e que enviámos para a Comissão que felizmente anuiu ao nosso pedido. "*Paraíso* está a ser construído para todas as idades. Como tem sido a nossa identidade desde a fundação em 1974, criamos espetáculos com a mesma exigência e empenho artístico para todos os públicos, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos, portugueses ou estrangeiros, com uma cultura e um património interior muito diversificado. Queremos ser abrangentes sabendo que não chegamos a todos da mesma maneira, mas estamos a imaginar que as crianças com mais de seis anos se possam sentar nas plateias de todos os lugares onde apresentarmos este *Paraíso*. Sabemos que lhes estaremos a mostrar uma obra complexa, mas não tão complexa como a vida que à sua volta se manifesta diariamente. Nestas idades sabemos que estarão acompanhados pelos pais, familiares ou amigos que certamente ajudarão a enquadrar uma outra imagem mais difícil de perceber ou palavras e frases menos diretas. Mas, mais importante que o contexto, é a breve fagulha que incendiará o olhar dos mais novos quando o pano se abrir. E essa é irrepetível e intemporal como o teatro. Estamos a trabalhar para que este *Paraíso*, em todos crie memória."

Para a viagem de Dante continuar?

JB: Sim, o Dante continua a andar por aí, entre nós, dentro de nós com versos nem sempre decifráveis que despertam a curiosidade. Quando se perde a curiosidade perde-se metade da vida. Quando lemos e não percebemos logo à primeira é muito gratificante constatar como é que a curiosidade prevalece nessa tentativa de perceber melhor o mundo das ideias e das emoções. A esperança que eu tenho também é que essa curiosidade se manifeste em todas as pessoas, em todos os lugares, através dessa apetência em ler além das aparências. Não é tanto a bandeira das ideias que nós queremos partilhar e que todos têm de seguir, é mais a ideia de termos valores humanistas identificáveis e de o Teatro ser capaz de contribuir para a reinvenção de equações sensíveis que permitam pensar melhor sobre e a partir dessa equação.

Paraíso *é a estação final d'* A Divina Comédia*, e nós sabemos que os fins são sempre boas oportunidades para se continuar ou começar outras coisas. E no fim, no silêncio, são os espectadores que são convocados.*

JB: Essa questão é fundamental. Há quem diga que na arte nós estamos sempre a repetir as mesmas coisas, parece que não vale a pena criar e que a criatividade está formatada por

modelos dos quais não nos conseguimos libertar. Ora eu acho que os poetas e os artistas dão o seu contributo para que o imaginário de cada um se possa completar de uma forma mais inesperada. Temos direito a sonhar, temos direito a imaginar. Não temos sempre que justificar e esclarecer porque é que imaginamos assim e não de outra maneira. Há lógicas que têm outras lógicas. Por exemplo, com o que nós vamos sabendo sobre a física quântica vamos percebendo que o conhecimento é incomensurável e que isso acontece nesta e em todas as áreas. No entanto este conhecimento de nada vale se não formos capazes de nos agarrarmos às coisas mais simples que estão perto de nós. Temos de aproveitar os momentos em que encaixamos nesse misterioso equilíbrio universal a que Dante acaba por chamar amor. Para Dante a problemática do amor também se aplica a essa capacidade em nos apaziguarmos perante o momento final da despedida. Fugimos como podemos desse derradeiro instante mas a ele ninguém se pode esquivar. Quem sabe se Dante não chegou à conclusão de que o sentimento do amor era a única hipótese de se pacificar perante essa brutal solidão. Antigamente, com a falta de medicamentos e de cuidados paliativos, as pessoas morriam muitas vezes num sofrimento atroz, enquanto hoje essa capacidade de diminuir a dor cria talvez a possibilidade de se despedirem em paz, acompanhadas de outra maneira. Também é assim que o Teatro O Bando termina esta interminável trilogia. Pessoal e coletivamente entendemos que continuamos nos outros, continuamos nas coisas, continuamos nas ideias com as ideias que vamos deixando, continuamos com o que fomos fazendo e se vai apagando. Dure o tempo que durar, não interessa. Alguns duram mais de 700 anos, como Dante; outros, muitos milhares de anos; a maioria, uma ou duas gerações. De qualquer modo todos permanecem enquanto existir alguém que reconheça a indelével marca que lhe ficou debaixo da pele ou se reveja no legado de um determinado gesto artístico.

*MC Escher, artista visual holandês

CONVERSA COM MARIA JOÃO GUARDÃO
A 27 DE JANEIRO DE 2022.

A SEGUIR NA SALA GARRETT

LISBON, MY LISBON!

3 - 13 MAR

© Pedro Aragão, CC BY-SA 3.0 GFDL, via Wikimedia Commons

CONCEITO E DIREÇÃO FAUSTIN LINYEKULA

COCRIAÇÃO E PERFORMANCE DIOGO CARDOSO, FERNANDO CHAINÇO, JANICE IANDRITSKY, JOANA PIALGATA, NÁDIA YRACEMA, VALENTINA PARRAVICINI

PRODUÇÃO MALA VOADORA

COPRODUÇÃO TEATRO NACIONAL D. MARIA II

A CLASSIFICAR PELA CCE

Nesta alta fantasia, como uma roda em movimento certo, o amor move o Sol e as outras estrelas.

Quem somos

Direção Artística Pedro Penim
Conselho de Administração Cláudia Belchior, Rui Catarino, Sónia Teixeira
Fiscal Único Amável Calhau & Associados, SROC, Lda. Adjunto da Direção Artística Luís Sousa Ferreira Assessoria Contratação Pública Rute Presado Secretariado Marina Almeida Ricardo Motorista David Fernandes
Elenco Residente João Grosso, José Neves, Manuel Coelho, Paula Mora
Elenco Estagiário (ESTC 21 – 22) Ana Isabel Arinto, Catarina Pacheco, Joana Bernardo, João Jonas, Siobhan Fernandes, Tomás de Almeida
Direção de Produção Carla Ruiz Produção Executiva Andreia Bento, Pedro Pestana, Pedro Pires, Rita Forjaz
Direção de Cena André Pato Diretoras/es de Cena Andreia Mayer, Carlos Freitas, Catarina Mendes, Diana Almeida, Isabel Inácio, Pedro Leite, Sara Cipriano e Miguel Cruz Mendes (estagiário) Ponto Cristina Vidal Guarda-roupa Aldina Jesus (coord.), Ana Martins, João Pinto, Sílvia Galinha Auxiliares de Camarim Carla Torres, Paula Miranda Adereços Nuno Costa Assistente Direções de Cena e Técnica Sara Villas
Direção Técnica Rui Simão Coordenação Técnica Daniel Varela Maquinaria e Mecânica de Cena Frederico Godinho (coord.), Jorge Aguiar, Lindomar Costa, Marco Ribeiro, Miguel Carreto, Paulo Brito, Reginaldo Silva Iluminação Feliciano Branco (coord.), Gonçalo Morais, Luís Lopes, Pedro Alves, Rita Sousa Som/Audiovisual Pedro Costa (coord.), André Dinis Carrilho, Francisco Marujo, João Neves, João Pratas, Margarida Pinto, Reinaldo Gonçalves, Rodrigo Gil, Tiago Alves Motorista Carlos Luís
Direção de Comunicação e Marketing João Pedro Amaral Assessoria de Imprensa Élia Teixeira Digital Catarina Freire, Joana Bonifácio Edição de Conteúdos Tiago Mansilha Secretariado Paula Martins
Direção Administrativa e Financeira Luís Cá Controlo de Gestão Diogo Pinto Contabilidade Carolina Lemos, Dinis Rodrigues, Susana Cerqueira Compras Eulália Ribeiro Tesouraria Sofia Ventura
Recursos Humanos Verónica Bicho (coord.), Lélia Calado, Madalena Domingues
Direção de Manutenção Susana Dias Coordenação de Manutenção Albertina Patrício Manutenção Geral Raul Rebelo (coord.), Carlos Henriques, Eduardo Chumbinho, Tiago Trindade Sistemas de Informação Carlos Dias (coord.), Nuno Viana Limpeza Ana Paula Costa, Luzia Mesquita
Direção de Relações Externas e Frente de Casa Ana Ascensão Parcerias, Desenvolvimento e Fundraising Ana Pinto Gonçalves Projetos de Continuidade Carolina Villaverde Rosado, Mariana Gomes Avaliação e Monitorização Patrícia Santos Secretariado Joana Grande Bilheteira Rui Jorge (coord.), Carla Cerejo, Sandra Madeira Receção Paula Leal
Direção de Documentação e Património Cristina Faria Acervo Celeste Peixoto, Rita Carpinha Biblioteca|Arquivo Catarina Pereira, Ricardo Cabaça, Vera Azevedo Projeto Rossio Beatriz Areias, Cláudia Graça, João Pedro Santos Livraria Maria Sousa

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
PARCEIRO PRINCIPAL grupo ageas portugal
MECENAS BPI
Fundação "la Caixa"
PATROCINADOR ACESSIBILIDADE SANTA CASA Misericórdia de Lisboa
PARCEIRO DE INOVAÇÃO NTT DATA Trusted Global Innovator
PARCEIROS TNDM II LISBOA Renascença RTP TURISMO DE PORTUGAL